

# Respostas curtas afirmativas numa gramática comunicativa do português

Thomas Johnen

Westsächsische Hochschule Zwickau

Thomas.Johnen@fh-zwickau.de

**Resumo:** As respostas curtas do português (cf. Carreira/ Boudoy 1997: 264-266; Gärtner 1998: 664-672; Oliveira 2000) constituem uma das dificuldades de aprendizagem para falantes de línguas que possuem e usam preferencialmente partículas responsivas afirmativas como no alemão *ja* (cf. Schmidt-Radefeldt 1980) ou no francês *oui*. Como os estudos de Eliasson (2012: 126-151; 2015) mostram, isso vale também para a aquisição por crianças em contextos bilíngues cuja L1 mais fraca é o português e a L1 mais forte faz uso de partículas afirmativas.

As respostas curtas do português podem ser consideradas como construções responsivas no sentido de Linell (2005: 55), uma vez que a sua forma gramatical depende do enunciado anterior (cf. Schmidt-Radefeldt 1978: 57-109). Portanto, são construções que não podem ser descritas sem considerar sua função comunicativa na interação. Por isso, este fenômeno do português é um bom exemplo das vantagens que apresenta uma abordagem comunicativa da gramática.

---

## Como citar este capítulo:

Johnen, Thomas (2025): «Respostas curtas afirmativas numa gramática comunicativa do português», in: Johnen, Thomas/ Santos, Liliane/ Schmidt-Radefeldt, Jürgen (eds.): *Gramática Comunicativa e Ensino de Português Língua Não Materna num Mundo Multilíngue: Estudos In Memoriam do Professor Doutor João Malaca Casteleiro*. Zwickau: Westsächsische Hochschule Zwickau, Fakultät Angewandte Sprachen und Interkulturelle Kommunikation (ZwIKSprache; 6), 322-383. ISBN: 978-3-946409-07-6; DOI: 10.34806/9783946409076-m



Assim, este trabalho tem por objetivo apresentar um balanço da descrição das respostas curtas afirmativas na gramaticografia do português e na pesquisa linguística, para depois analisar, em um *corpus* de interações reais, o uso das respostas curtas *É* e *Tá*, não consideradas na gramaticografia e pouco consideradas nas pesquisas linguísticas; também serão analisados os casos de intensificação da resposta.

**Palavras-chave:** Gramática comunicativa; Português; Português Língua Estrangeira; construções responsivas; respostas curtas

**Zusammenfassung:** Kurzantworten im Portugiesischen (cf. Carreira/ Boudoy 1997: 264-266; Gärtner 1998: 664-672; Oliveira 2000) stellen eine der Lernschwierigkeiten beim Erlernen des Portugiesischen besonders für Lerner mit Ausgangssprachen wie dem Deutschen (cf. Schmidt-Radefeldt 1980) oder Französischen, die über eigene satzäquivalente Bejahungspartikeln wie dt. *ja* oder frz. *oui* verfügen und diese auch bevorzugt für Kurzantworten benutzen. Die Schwierigkeit gilt auch für zweisprachig aufwachsende Kinder, bei denen Portugiesisch die schwächere Sprache (L1) ist und die stärkere Sprache (L2) satzäquivalente Bejahungspartikel bevorzugt, wie die Studien von Eliasson (2012: 16-151, 2015) zeigen.

Im Sinne von Linell (2005: 55), kann man die portugiesischen Kurzantworten zu den responsiven Konstruktionen rechnen, da ihre grammatische Form von der vorhergehenden Äußerung abhängt (cf. Schmidt-Radefeldt 1978: 57-109). Folglich handelt es sich um Konstruktionen, die nicht ohne ihre kommunikative Funktion beschrieben werden können. Aus diesem Grund handelt es sich hierbei um ein gutes Beispiel für die Vorteile eines kommunikativen Grammatikansatzes.

Ziel dieses Beitrags ist ausgehend von einer Übersicht über die Behandlung der affirmativen Kurzantworten in der Grammatikographie des Portugiesischen und linguistischen Arbeiten in einem *Corpus* realer Interaktionen zwei der in der Grammatikographie und Linguistik weitgehend vernachlässigten Kurzantworten,

nämlich *É.* und *Tá.* näher zu untersuchen wie auch intensivierete Realisierungsformen affirmativer Kurzantworten.

**Schlagwörter:** Kommunikative Grammatik; Portugiesisch; Portugiesisch als Fremdsprache; responsive Konstruktionen; Kurzantworten

## **1 Considerações preliminares sobre o lugar das respostas curtas numa gramática comunicativa do português**

Na perspectiva de uma abordagem comunicativa da gramática, uma abordagem, portanto, que coloca as categorias comunicativas no centro da descrição e que procura descrever, de maneira sistemática, a partir destas, as regularidades da língua, convém considerar os atos de fala como unidades comunicativas mínimas do nível textual e buscar descrever pelo menos os atos mais centrais para a comunicação (cf. Johnen 2012). Numa perspectiva linguística, porém, os atos de fala não podem ser considerados de maneira isolada – como acontece na abordagem filosófica da teoria dos atos de fala, mas como relações gramaticais da semiosis de *actio* e *reactio* (cf. Schmidt-Radefeldt 2003: 21). Assim, convém, por exemplo, considerar como atos de fala não-saturados aqueles que não podem ser realizados com sucesso sem a reação (cf. Engel 1991: 42-46). Na perspectiva da competência comunicativa, vale considerar a COMPETÊNCIA DE PERGUNTA E RESPOSTA como uma única competência (cf. Schmidt-Radefeldt 1978: 23). Do ponto de vista descritivo, cabe analisar PERGUNTA e RESPOSTA juntas como o fazem Fávero/ Andrade/ Aquino (2006). Devido à complexidade dos diferentes atos de fala

do tipo PERGUNTA (cf., por exemplo, Engel <sup>2</sup>1991: 52-58), que ganha ainda mais complexidade se aí incluirmos as realizações indiretas de outros atos de fala por meio de perguntas (cf. Schmidt-Radefeldt 1978: 178-204; L. Santos 2017), neste artigo focalizaremos as RESPOSTAS, sem, contudo, isolá-las das perguntas que as introduzem. Restringimos nosso foco ainda mais, isto é, às respostas curtas afirmativas, uma vez que as respostas negativas já foram analisadas por L. Santos (2017).

## **2 Relevância das respostas curtas afirmativas para o ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE) e a aquisição do português em contextos bilíngues**

É bem conhecido que, com relação às respostas curtas afirmativas, o português possui uma particularidade que o diferencia tanto das línguas germânicas como de outras línguas ibero-românicas, como o catalão e o espanhol. Isso é possível observar nas traduções para o alemão (al), o dinamarquês (dk), o frísio (fri), o inglês (ing), o neerlandês (nl), o catalão (cat), o espanhol (esp), o francês (fr), o italiano (it), o grego (gr), o russo (rus) e o turco (tr) da curta sequência PERGUNTA SIM/NÃO – RESPOSTA CURTA AFIRMATIVA do livro infantil sueco (sv) *Pippi Långstrump*<sup>1</sup>, em comparação com as traduções para o português europeu (pe) e brasileiro (pb):

---

<sup>1</sup>Aqui e em todas as citações a seguir mantêm-se a ortografia do original.

- (1sv) "Hur såg han ut, hade han blå ögon?"  
**"Ja"**, sa flickan (Lindgren, *Pippi Långstrump*, 53, grifos nossos).
- (1al) "wie sieht er aus? Hat er blaue Augen?"  
**„Ja"**, sagte das Mädchen (Lindgren, *Pippi Langstrumpf*, 76, grifos nossos).
- (1dk) "Hvordan så han ud, havde han blå øjne?"  
**"Ja,"** sagde pigen (Lindgren, *Pippi Langstrømpe*, 57, grifos nossos).
- (1fri) 'hoe sjocht er derút, hat er blauwe eagen?'  
**,Ja.'** sei it famke (Lindgren, *Pippi Lankous*, Fryske edysje, 45, grifos nossos).
- (1ing) 'What did he look like? Did he have blue eyes?'  
**,Yes,'** said the girl (Lindgren, *Pippi Longstocking*, 46, grifos nossos).
- (1nl) „hoe ziet hij eruit, heeft hij blauwe ogen?"  
**„Ja,"** zei het meisje (Lindgren, *Pippi Lankous*, 50, grifos nossos).
- (1cat) – [...] Com és? Té els ulls blaus?  
– **Sí** – va contestar la nena (Lindgren, *Pippi Calcesllargues*, 57, grifos nossos).
- (1esp) – [...] ¿Cómo es? ¿Tiene los ojos azules?  
– **Sí** – respondió la niña (Lindgren, *Pippi Calzaslargas*, 57, grifos nossos).
- (1fr) – [...] De quoi a-t-il l'air? A-t-il des yeux bleus?  
– **Oui** (Lindgren, *Fifi Brindacier*, 60, grifos nossos).
- (1it) «che tipo è? Ha gli occhi azzurri?»  
«**Si**» disse la bambina (Lindgren, *Pippi Calzelunghe*, 49, grifos nossos).
- (1gr) – [...] Πώς είναι; Μπας και έχει γαλανά μάτια;  
– **Ναι**, είπε το κορίτσι. (Lindgren, *Πίπη Φακιδομύτη*, 65. Grifoss nossos).
- (1rus) – А как он выглядит, твой папа? – поинтересовалась Пеппи – У него голубые глаза?  
– **Да**, – сказала девочка (Lindgren, *Пеппи Длинныйчулок*, 62).
- (1tr) „Nasıldır ki baban? Mavi gözlü müdür?"  
**„Evet,"** dedi kızcağız (Lindgrin, *Pippi Uzunçorap*, 51).

(1pe) – Como é que ele é? – perguntou Pípi – Tem olhos azuis?  
– **Tem** – respondeu a garota (Lindgren, *Pípi das Meias Altas*, 52, *grifos nossos*).

(1pb) – Como ele é? Tem olhos azuis?  
– **Tem** – disse a menina (Lindgren, *Pippi Meialonga*, 60, *grifos nossos*).

Enquanto as demais línguas acima exemplificadas possuem para uma resposta curta afirmativa uma partícula responsiva específica – como *ja*, em sueco e em alemão<sup>2</sup>, *sí* em catalão e em espanhol –, o português, embora possua uma partícula equivalente (= *sim*), esta não é utilizada de maneira preferencial. Em português, o que é retomado geralmente é o verbo da pergunta (razão pela qual as respostas desse tipo também são chamadas “respostas-eco”), como se vê em (1pe) e (1pb)<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Sobre alemão *ja*, cf. Hoffmann (2008).

<sup>3</sup> Com relação ao galego (gal), Martins (2016: 602) sustenta que compartilha as mesmas possibilidades que o português. Os exemplos fornecidos pela autora sugerem, contudo, que em galego há tanto as opções do espanhol quanto as do português. A análise de Martins (2016), porém, não considera exemplos de interações reais, nem de fontes escritas, com exceção dos exemplos do latim (cf. Martins 2016: 582). O tradutor galego de *Pippi Långstrump*, no entanto, converge às vezes com a tradução para o espanhol, traduzindo sueco *ja* pelo galego *si*, como em:

(1gal) – Como era, tiña os ollos azuis?  
– **Si** – dixo a rapaza (Lindgren, *Pippi Mediaslongas*, 48, *grifos nossos*).

Em outros contextos, retoma o verbo, como no exemplo seguinte:

(2) “Får man verkligen ta allting som man hittar”, undrade Annika.  
“**Ja**, allting som ligger på marken.” (Lindgren, *Pippi Långstrump*, 22, *grifos nossos*)

(2gal) – Pódese coller todo o que se atopa? –preguntou Annika  
– **Pódese**. Todo o que estea no chan –dixo Pippi (Lindgren, *Pippi Mediaslongas*, 20, *grifos nossos*).

Não é difícil entender que essa particularidade represente uma dificuldade para aprendizes de PLE (cf. Schmidt-Radefeldt 1980: 16-17). Isso vale mais ainda se considerarmos as possíveis alternativas para as respostas curtas afirmativas. O *Nível limiar* (Casteleiro/ Meira/ Pascoal 1988: 41-42), por exemplo, apresenta o inventário das seguintes possibilidades de respostas curtas afirmativas:

- (2) (Vais ao cinema?)
  - a. Vou.
  - b. Vou, sim.
  - c. Sim, vou.
  - d. Hum, hum (entoação de afirmação)
  - e. Sim.
  - f. Claro que sim! (enfático)
  - g. Claro que vou! (enfático)
  
- (3) (Já foste ver o filme?)
  - Já. (Casteleiro/ Meira/ Pascoal 1988: 41-42)

Devido ao seu público-alvo e à sua finalidade, o *Nível Limiar* não oferece indicações para as regras de uso de cada uma das formas acima citadas. É mais um inventário para autores de manuais

---

É interessante observar que a tradução o para o tcheco realiza nesta resposta curta como as traduções para o Português o verbo da pergunta anterior na forma conjugada *má`tem`* e não a partícula responsiva afirmativa *ano`sim`*.

- (1cz) "Jak vypadá? Zeptala se Pipí. "Nemá modré oči?"  
"Má," odpovědělo děvče (Lindgrenová, *Pipi Dlouhápunčocha*, 38).

Neste caso parece ser devido a polaridade (verbo negado na pergunta *nemá`não tem`*). Em outros casos há uma preferência por respostas curtas com *ano*. Seja como for, para aprendentes de línguas como o tcheco, nas quais respostas curtas em certas situações são construídas com um verbo conjugado, devem facilitar a aprendizagem das respostas curtas em português.

de PLE ou professores para lembrar as formas que devem ser consideradas para um nível básico de português.

Porém, as respostas curtas afirmativas não só representam uma dificuldade para o ensino de PLE, mas também para sua aquisição em crianças bilíngues cuja língua mais fraca é o português e a mais forte uma língua que diverge muito do português nas respostas curtas. Para crianças num ambiente lusofalante monolíngue, A.L. Santos (2008: 219-221) mostra que, na aquisição do português europeu, as respostas curtas afirmativas, em regra geral, são adquiridas relativamente cedo, mas que algumas construções (como as clivadas em perguntas) são mais difíceis. Para a aquisição do português do Brasil num ambiente monolíngue, Eliasson (2012) também constata uma aquisição relativamente precoce das respostas curtas afirmativas, que contrasta com a aquisição por crianças criadas num ambiente bilíngue sueco-português na Suécia, tendo um dos pais brasileiro e o outro sueco.

<p>Criança monolíngue L1: português do Brasil</p> <p>Rosa (6:10)<sup>4</sup></p> <p>Int: é? cê <b>acha</b> legal? R: <b>acho</b> Int: é (+) <b>tem</b> muita criança na sua classe? R: <b>tem</b> Int: é (.) cê sabe quantas? R: n::ão Int: não, umas: mas <b>dá</b> para ter bastante amigo então? R: <b>dá</b> (Eliasson 2012: 138, <i>grifos nossos</i>)</p>	<p>Criança bilíngue (2 L1) L1 mais forte: sueco L1 mais fraca: português do Brasil Anna (7:10,26)</p> <p>Int: e você/cê entende tudo que eu falo quando [eu falo] O: [hm hm] Int: português com você? <b>É</b> / e a Anna? A: <b>ahã</b> Int: e você de <b>falá</b> português? A: m <b>ahá</b> ↓ Int: <b>gosta?</b> A: <b>ahá</b> ↑ Int: você acha que <b>vai ser bom</b> ir pro Brasil agora? A: <b>m: vai ser bom</b> (Eliasson 2012:140, <i>grifos nossos</i>)</p>
---	---

Quadro 1: Comparação das respostas curtas afirmativas em uma criança monolíngue e uma criança bilíngue com o português do Brasil como L1 mais fraca.  
Fonte: Eliasson (2012)

Enquanto a criança monolíngue um pouco mais nova do *corpus* de Eliasson (2012), Rosa, retoma nas suas respostas curtas afirmativas sempre o verbo finito da pergunta, a criança bilíngue sueco-português (com o português do Brasil como L1 mais fraca) faz isso apenas no último turno, retomando, porém, uma frase inteira. Nos demais turnos, faz uso de variações fonéticas de uma partícula responsiva que não é impossível em português, *ahã* e *ahá*<sup>5</sup>, mas cuja repetição frequente chama a atenção.

<sup>4</sup> O primeiro número representa os anos de idade completos, o segundo os meses. Portanto, 6:10 significa seis anos e dez meses de idade.

<sup>5</sup> Cf. por exemplo a seguinte sequência PERGUNTA-RESPOSTA de uma conversação de venda em uma farmácia de Florianópolis:

(1) V: quer os dois?  
C: anham (Luna 1990: 210).

Podemos constatar, então, que tanto para a aprendizagem do PLE como para a aquisição do português em contexto bilíngue (quando o português for a L1 mais fraca), o tema das respostas curtas afirmativas possui muita relevância.

Tendo mostrado a relevância do tema das respostas curtas afirmativas para a aprendizagem do PLE e para a aquisição do português como L1 mais fraca em contextos bilíngues, examinaremos, a seguir, a abordagem das respostas curtas afirmativas na gramatocografia do português. Em 4, analisaremos algumas abordagens da pesquisa linguística que julgamos especialmente importantes para chegar a uma melhor descrição das respostas curtas afirmativas numa gramática comunicativa. Depois de uma curta apresentação do *corpus*, em 5, analisaremos, em 6, exemplos de respostas curtas num *corpus* do português falado europeu e brasileiro, focalizando as respostas curtas afirmativas com *É* e *Tá*, não consideradas na gramatocografia e pouco tratadas na pesquisa linguística. Além disso, analisaremos formas de intensificação e de expansão das respostas curtas afirmativas. Na base desta análise, chegaremos, em 7, a uma proposta de descrição na qual sugerimos elementos para uma categorização mais adequada para uma abordagem das respostas curtas afirmativas do português no âmbito de uma gramática comunicativa.

### 3 As respostas curtas afirmativas na gramaticografia do português

O que chama nossa atenção é o fato de que poucas gramáticas tratam das respostas curtas afirmativas<sup>6</sup>. Somente as gramáticas escritas a partir de uma perspectiva de PLE fornecem informações mais detalhadas<sup>7</sup>.

Quais são os tópicos abordados nestas gramáticas? É possível constatar que todos tratam das seguintes questões:

#### a) Que elemento da pergunta é retomado na resposta?

- **Verbo:** Gosta de espargos? – Gosto.
- **Verbo auxiliar:** Posso<sup>8</sup> ajudá-la? – Pode.
- **Advérbio:** Já comeu alguma coisa? – Já.

---

<sup>6</sup> Cf., por exemplo, Matos (2013: 2376-2379), que também aborda, no seu capítulo sobre a elipse, respostas e réplicas abreviadas – sem, no entanto, oferecer um quadro abrangente.

<sup>7</sup> Cf. Hundertmark-Santos Martins (1982: 500-554), Carreira / Boudoy (1997:264-266), Gärtner (1998: 664-667), Whitlam (2011: 245-249), Carvalho/Bagno (2015: 149-150).

<sup>8</sup> Reproduzimos aqui a classificação das gramáticas que muitas vezes consideram os verbos modais como *poder* como verbos auxiliares. Apresentamos em Johnen (2003: 11-107) argumentos para não incluir os verbos modais entre os verbos auxiliares. No entanto, à luz dos resultados das pesquisas sobre a gramaticalização, essa questão revela-se de importância secundária. No caso das respostas curtas afirmativas, essa questão não tem grande importância, pois também os verbos modais podem ser retomados na resposta. A nosso ver, seria, porém, mais correto formular a regra de maneira mais exata, já que em perguntas com complexos verbais com um verbo finito e um infinito, o verbo finito é retomado na resposta curta afirmativa. Schmidt-Radefeldt (1980) também opta por diferenciar entre verbos auxiliares e modais em relação ao português.

Indica-se como regra que, quando a pergunta contiver um advérbio, a resposta curta afirmativa retomará esse advérbio e, quando o predicado da pergunta for formado por um verbo auxiliar, este será retomado na resposta curta afirmativa<sup>9</sup>. Cumpre observar que o estudo empírico baseado num inquérito por escrito de Kato/ Tarallo (1992: 270) confirma que estas três regularidades são as que prevalecem.

## b) Quais são as expansões possíveis de a)?

Há consenso sobre as seguintes construções:

- **Verbo + *sim***: Vai para Ilhéus? – Vou, sim.
- ***Sim* + verbo**: – Sim, vou.
- **Repetição do *sim* antes do verbo**: – Foste? – Sim, sim, fui.
- **Repetição do verbo antes do *sim***: – Foste? – Fui, fui, sim.
- **Repetição do verbo**: Vou, vou.
- **Combinação com formas de tratamento**: – Vou, sim, senhora Doutora.
- **Advérbio da pergunta + *sim***: – Já comeu alguma coisa? – Já, sim.

---

<sup>9</sup> Diga-se de passagem que também numa língua como o alemão, na qual, nas respostas curtas afirmativas, em regra geral, se faz uso da partícula responsiva *ja*, também é possível retomar apenas o verbo auxiliar (+ O SUJEITO GRAMATICAL) – se o predicado da pergunta contiver um elemento desse tipo –, como mostra o seguinte exemplo de literatura infantil em alemão onde o verbo auxiliar temporal do pretérito perfeito composto (Perfekt) na terceira pessoa do singular *hat* é retomado junto com o sujeito *man*, mas sem o participio perfeito *geholfen* ‘ajudado’:

(1) “Man *hat* Ihnen also *geholfen*?”, fragte der Uhu schließlich.  
“Man *hat*, wie Sie sehen”, sagte das kleine Gespenst (Preußler, *Gespenst*, 132, *grifos nossos*).

- **Sim + advérbio da pergunta:** – Já comeu alguma coisa?  
– Já. / Sim, já./ Já, sim.

Hundertmark-Santos Martins (1982: 552) admite também a possibilidade de repetir o advérbio (por exemplo, – *Já, já*) na resposta curta afirmativa, mencionando, além disso, no registro familiar do português europeu, a possibilidade de expansão do verbo retomado na resposta curta afirmativa com *pois*:

- (4) – Conheces aquela rapariga?  
– **Pois conheço** (Hundertmark Santos-Martins 1982: 558, *grifos nossos*).

No entanto, Carreira/ Boudoy (1997: 265) não mencionam a restrição diastrática à linguagem familiar alegada por Hundertmark-Santos Martins (1982: 552). Além disso, as autoras admitem tanto o *pois* em posição pré- ou pós-verbal:

- (5) – Foi o João Luís que pintou este quadro? – **Pois fui / Fui, pois** (Carreira/ Boudoy 1997: 265)  
(6) – Já encheste o depósito? – **Pois, já. / Já, pois** (Carreira/ Boudoy 1997: 265).

Por sua vez, Whitlam (2011) acrescenta, para o português brasileiro, a possibilidade de responder simplesmente com o verbo *ser* na terceira pessoa do singular (*é*): “When you simply want to endorse something that has been said [...], the equivalent to ‘yes’ is *é*” (Whitlam 2011: 246).

- (7) – Os brasileiros comem muita carne.  
– **É**, com certeza “ (Whitlam 2011: 246, *grifos nossos*).

### c) Outras possibilidades de resposta curta

- **Combinação com formas de tratamento:** – Vou, sim, senhora Doutora.
- **Certos advérbios não mencionados na pergunta:** claro, com certeza, evidentemente.

Algumas gramáticas (Hundertmark-Santos Martins 1982; Gärtner 1998) diferenciam as respostas de acordo com o tipo de pergunta, isto é, se se trata de uma resposta afirmativa a uma pergunta positiva ou resposta afirmativa a uma pergunta negativa. Gärtner (1998: 667) define a função da resposta afirmativa à pergunta negativa como transformação da suposição designada na pergunta negativa em conhecimento afirmado. A partir desses elementos, o autor deduz uma maior ênfase na resposta a uma pergunta negativa.

Para as respostas curtas afirmativas a perguntas negativas, Hundertmark-Santos Martins (1982) e Gärtner (1998) descrevem como construções possíveis as seguintes (mencionadas anteriormente):

- **verbo + *sim* (+ forma de tratamento)** (Gärtner 1998: 667) (Hundertmark-Santos Martins 1982: 553 considera essa forma como cortês);
- **dupla repetição do verbo** (Hundertmark-Santos Martins 1982: 553; Gärtner 1998: 667);

- **verbo + *pois*** (Hundertmark-Santos Martins 1982: 553; Gärtner 1998: 667-668. Ambos os autores consideram essa forma como familiar)<sup>10</sup>.

### 3.1 Categorias comunicativas para as respostas curtas afirmativas na gramaticografia do português

Menos sistemáticas são as observações sobre categorias comunicativas relevantes para a descrição das respostas curtas afirmativas. Os autores geralmente tratam de ênfase, polidez e respostas a formas indiretas de outros atos de fala realizados por meio de perguntas. Por exemplo,

- a) a **ênfase** é atribuída à
- **repetição do advérbio** (como em *já, já*) (Hundertmark-Santos Martins 1982: 552);
  - **repetição do verbo** (como em *vou, vou*) (Gärtner 1998: 665);
  - **posposição do *sim*** (Carvalho/ Bagno 2015: 50).
  - **Se + VERBO**

---

<sup>10</sup> Vale mencionar aqui que Martins (2016) procura sistematizar para o português europeu as possibilidades de resposta curta dependendo da polaridade da pergunta, mencionando também diferenças entre o português europeu e o brasileiro. As restrições avançadas pela autora para o português brasileiro (por exemplo, com relação à alegada impossibilidade de reduplicar na resposta o verbo retomado da pergunta), porém, são parcialmente duvidosas (cf. também Rosemeyer/ Schwenter 2019: 82-85), o que se deve provavelmente ao fato de que a autora apresenta apenas exemplos criados para fins de análise linguística, sem analisar *corpora* de interações reais.

Hundertmark-Santos-Martins (1982: 554) e Gärtner (1998) também mencionam, nesse contexto, a construção *se* + VERBO como em

- (8) – Gosta?  
– Se gosto (Gärtner 1998: 665).

- **outra pergunta como resposta**

Gärtner (1998) menciona também a possibilidade de dar ênfase à resposta realizando-a como outra pergunta:

- (9) – E de certeza o pessoal todo para?  
– **Como não** ia parar? (Gärtner 1998: 666, *grifos nossos*)

- **verbo + *sim, senhor/senhora***

Carreira/ Boudoy (1997) atribuem (na linguagem familiar) à expansão do verbo retomado da pergunta por *sim + senhor/senhora* também uma função enfática na resposta afirmativa. Descrevem como situação de uso que à fórmula antecede uma hesitação à resposta. Elas ressaltam ainda o alto grau de idiomatização da fórmula, que se usa independentemente da forma de tratamento habitualmente usada na relação entre os interlocutores.

- (10) – Vamos, sim senhor! (Carreira/ Boudoy 1997: 264).

- **verbo + pronome-complemento (+ *pois/ sim*)**

Carreira/ Boudoy (1997: 264) mencionam ainda o fato de que um pronome complemento expresso na pergunta geralmente não é retomado na resposta curta afirmativa. Se isso acontecer, esse pro-

nome adquirirá uma função de ênfase que muitas vezes é reforçada pela adição de *sim* ou de *pois*.

- (11) – Elas ameaçaram-no?  
– Ameaçaram-me, pois / sim (Carreira/ Boudoy 1997: 264).

- **outras fórmulas responsivas afirmativas enfáticas**

Hundertmark-Santos Martins (1982) menciona ainda certas fórmulas usadas como respostas curtas a perguntas negativas como especialmente enfáticas, como no caso das fórmulas responsivas em (12):

- (12) – Não gostas dele?  
a. – Isso é que gosto!  
b. – Mas gosto!  
c. – Claro que gosto! (Hundertmark-Santos Martins 1982: 554; cf. também Gärtner 1998: 665).

A essas fórmulas, Carreira/ Boudoy (1997: 266) acrescentam as seguintes:

- (13) a. – É evidente que sim!  
b. – Evidentemente que sim!  
c. – Pois é claro que sim!  
d. – Isso sim!

Por sua parte, Gärtner (1988: 666) completa com as seguintes respostas curtas afirmativas enfáticas:

- (14) a. – É mesmo!  
b. – Isso.  
c. – É isso!

## b) Polidez

Como indicado mais acima, Hundertmark-Santos Martins (1982: 553) considera a posposição de *sim* ao verbo retomado da pergunta como mais cortês, mesma posição que adotam Carreira / Boudoy (1997: 264).

## c) Observações sobre respostas curtas afirmativas a perguntas que são realizações indiretas de outros atos de fala

Certas gramáticas trazem observações que constituem uma categorização explícita de perguntas que são realizações indiretas de outros atos de fala como oferta ou pedido. Em outras gramáticas, no entanto, encontram-se, sem nenhuma observação explícita, indicações sobre realizações específicas de respostas curtas afirmativas a esse tipo de pergunta. Vejamos alguns exemplos:

- Resposta curta afirmativa a uma pergunta que realiza uma **oferta**:

Gärtner (1998: 665) menciona como fórmula específica de aceitação de uma oferta feita sob a forma de pergunta a resposta curta afirmativa *pode ser*:

- (15) – Quer beber alguma coisa?  
– **Pode ser** (Gärtner 1998: 665, *grifos nossos*).

Carreira/ Boudoy (1997) acrescentam as fórmulas *Isso, sim!* e *Isso é que eu quero!*

- (16) – Queres que te faça um bolo?  
– **Isso sim! / Isso é que eu quero!** (Carreira/ Boudoy 1997: 266, *grifos nossos*)

- Resposta curta afirmativa a uma pergunta que realiza um **pedido**

Carreira/ Boudoy (1997) apontam para uma resposta curta afirmativa cortês a um pedido:

*Pois sim* (+ VERBO DA PERGUNTA NA 1ª PESSOA DO SINGULAR):

- (17) – Traz-nos mais uma garrafa de vinho tinto?  
– **Pois sim (trago)** (Carreira/ Boudoy 1997: 265, *grifos nossos*)

Em resumo, cumpre constatar que as gramáticas de Hundertmark-Santos Martins (1982), Carreira/ Boudoy (1997) e Gärtner (1998) oferecem descrições sólidas das estruturas mais importantes, incluindo algumas informações sobre elementos diastráticos e relativas à função comunicativa. Sendo gramáticas pedagógicas elaboradas no contexto de PLE e devido à escassa pesquisa linguística sobre o tema, não se pode esperar uma abrangência exaustiva.

Essas gramáticas, porém, tratam somente de maneira marginal da inter-relação entre o ato de fala e a resposta curta afirmativa, quando é justamente esta inter-relação que importa descrever para uma gramática comunicativa. Por isso, indagaremos em 4 quais são os elementos da pesquisa linguística sobre as respostas curtas afirmativas relevantes para uma gramática comunicativa.

## 4 As respostas curtas afirmativas na pesquisa linguística

Na pesquisa linguística, os estudos de Schmidt-Radefeldt (1978), Oliveira (2000) e Fávero/ Andrade/ Aquino (2006) tratam explicitamente da inter-relação PERGUNTA – RESPOSTA em português. Apresentaremos a seguir alguns temas tratados por esses autores, como a questão da adequação das respostas às perguntas, das respostas a diferentes atos de fala indiretos realizados por meio de perguntas, bem como um esboço de uma tipologia da concordância ilocutória das respostas. Baseado em um *corpus* do português brasileiro amplo de interações familiares, o estudo de Rosemeyer/ Schwenter (2019), que analisa os fatores que favorecem uma resposta-eco ou não-eco, mostra algumas convergências com as nossas análises do nosso *corpus* de conversações em situações de compra e venda e entre médicos e pacientes, além de considerar como um dos fatores relevantes o tipo de ato de fala e levar em consideração diferenças com relação ao status epistêmico das respostas<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Os estudos de Kato/ Tarallo (1992) e de Sousa (2020) foram elaborados no âmbito da gramática gerativa e fornecem menos resultados relevantes para o nosso contexto. Isso vale também para o estudo abrangente de Martins (2016) que – como mencionamos – não se baseou em análises de interações reais, mas procurou analisar as possíveis respostas afirmativas mínimas em relação aos traços de polaridade afirmação *vs.* negação e confirmação *vs.* inversão (por exemplo, resposta afirmativa a uma pergunta negativa), não de um ponto de vista interacional, mas antes estrutural e morfossintático, o que não é o foco da nossa análise.

No seu estudo sobre o par dialógico PERGUNTA – RESPOSTA no português do Brasil falado culto, Fávero/ Andrade/ Aquino (2006), num recurso a Moeschler (1986: 248-250), definem as seguintes quatro Condições de Satisfação para a adequação das respostas às perguntas em geral:

- 1) *de manutenção do tópico* – as R[espostas] precisam estar relacionadas, implícita ou explicitamente, com as P[ergunta]s, no que se refere ao tema;
- 2) *de conteúdo proposicional* – as R[esposta]s devem referir-se semanticamente às P[ergunta]s, por meio de relações como paráfrase, implicação ou oposição;
- 3) *de função ilocucionária* – as R[espostas] precisam ser de um tipo ilocucionário compatível com as P[ergunta]s;
- 4) *de orientação argumentativa* – as R[esposta]s precisam apresentar a mesma orientação argumentativa das P[erguntas] (Fávero/ Andrade/ Aquino 2006: 162-163).

Ao tentar aplicar essas condições de adequação às respostas curtas afirmativas em português, torna-se evidente que as condições 1) e 2) possuem uma especial importância para a determinação do elemento da pergunta que é retomado na resposta, nos casos em que houver diferentes possibilidades. Assim, nos dois exemplos a seguir, do *Corpus* NURC de Salvador, as respostas curtas afirmativas (ao contrário do que se poderia esperar segundo as descrições gramaticográficas acima apresentadas) não retomam nem o advérbio *já* enunciado na pergunta, em (18), nem o verbo modal *poder* da pergunta, em (19). Os elementos retomados nas respostas

são os que parecem mais adequados do ponto de vista da manutenção do tópico e do conteúdo proposicional.

- (18) Doc. – *já viajou* de trem  
L2 – **viajei** (D2 SSA 98:13-15, citado segundo Fávero/ Andrade/ Aquino 2006: 159, *grifos nossos*).
- (19) L1 – *pode* fazer isso **qualquer dia**?  
L2 – **qualquer dia** (D2 SSA 98: 29-30, citado segundo Fávero/ Andrade/ Aquino 2006: 159, *grifos nossos*).

A condição 4) é decisiva para a questão, por exemplo, da escolha de fórmulas ou construções responsivas afirmativas enfáticas tratadas anteriormente.

O que nos parece central para uma gramática comunicativa é, por fim, a exploração da condição 3) – a adequação da função ilocucional.

Schmidt-Radefeldt (1978), no seu estudo muito profundo e abrangente sobre a sequência PERGUNTA – RESPOSTA em francês, português e alemão, trata também de atos de fala indiretos realizados como pergunta (cf. Schmidt-Radefeldt 1978: 178-204), indicando sempre também exemplos de respostas curtas afirmativas. O autor trata dos seguintes pares ATO DE FALA – RESPOSTA:

- **PEDIDO (DE UMA AÇÃO)**

- (20) A: Quer fazer-nos o favor de projectar este?  
B: Com muito prazer (Schmidt-Radefeldt 1978: 182)
- (21) A: Tens cigarros?  
B: Toma (Schmidt-Radefeldt 1978: 183)

- **PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO**

- (22) A: Posso falar com Sr. Silva?  
B: Pode (Schmidt-Radefeldt 1978: 187)
- (23) A: Dá licença que me sente?

B: Faça favor (Schmidt-Radefeldt 1978: 187)

- **OFERTA**

(24) A: Projecto?

B: Projecte (Schmidt-Radefeldt 1978: 191)

(25) A: A avó quer que eu fale?

B: Pois sim (, quero) (Schmidt-Radefeldt 1978: 192)

- **SUGESTÃO**

(26) A: E se vocês parassem de jogar um bocado?

B: Está bem (Schmidt-Radefeldt 1978: 196)

- **SUPOSIÇÃO**

(27) A: A dama de companhia dela não seria antes uma enfermeira?

B: Sim. Creio que é uma enfermeira (Schmidt-Radefeldt 1978: 203)

O que é possível constatar com relação às respostas curtas afirmativas é que, para os atos reativos, se usam parcialmente as mesmas fórmulas já mencionadas nas gramáticas. Cabe ressaltar, porém, que para cada ato de fala há também fórmulas responsivas específicas, como *Está bem* em resposta a uma SUGESTÃO, *Faça favor* como resposta curta afirmativa a um PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO e *Com muito prazer* como resposta curta formulaica a um PEDIDO.

Oliveira (2000: 40-42) esboça uma tipologia da concordância ilocucionária do ponto de vista funcional das respostas curtas, definindo também tipos específicos de respostas à diferentes atos de fala:

- **Assentimento**

A autora define como *assentimento* a *reação de compromisso* do interlocutor a uma frase imperativa ou declarativa (cf. Oliveira 2000: 41). Assim, a resposta *tá*, em (28), sinaliza ao interlocutor a aceitação do compromisso de realizar o pedido (aqui, de abrir a janela):

- (28) – (Cê) abre a janela?  
– Tá (Oliveira 2000: 42).

- **Confirmação**

A *confirmação*, na concepção de Oliveira (2000: 42), é um ato responsivo – não a uma pergunta, mas a um ato de fala informativo<sup>12</sup>:

- (29) – É um martírio trafegar pelas ruas na época de Natal.  
– É mesmo (Oliveira 2000: 42).

- **Asseveração**

No decorrer do seu estudo, Oliveira (2000) designa como *asseveração* frases afirmativas reativas a uma pergunta anterior de tipo sim ou não, como em (30) (cf. Oliveira 2000: 42; 71):

- (30) – Encontrou o disco que queria?

---

<sup>12</sup>Nas suas definições, Oliveira (2000) faz um amálgama de termos da linguística interacional e da sintaxe tradicional. Assim, a autora define *confirmação*, literalmente, como „um proferimento de anuência com a validade de uma frase declarativa anterior“ (Oliveira 2000: 42).

– Encontrei (Oliveira 2000: 42).

Particularmente com relação às asseverações, Oliveira (2000: 71; 170-171) distingue ainda entre respostas a interrogativas de foco largo e de foco estreito. Um exemplo para uma resposta de foco largo seria (31), ao passo que um exemplo para uma resposta de foco estreito seria (32):

(31) A: Mas há um preferido?  
B: Há (Oliveira 2000: 160).

(32) A: Os homens só têm medo daquilo que não vêem.  
B: Medo de Deus?  
A: É (Oliveira 2000: 160).

Enquanto nas respostas de foco largo todo o enunciado está no foco da resposta, nas respostas de foco estreito somente um elemento da pergunta anterior é focalizado – como é o caso de *Medo de Deus?* em (32).

De acordo com o levantamento de Oliveira (2000: 176), é possível constatar nas perguntas curtas afirmativas da segunda metade do século XX, uma frequência alta de *é* para *confirmações* e *asseverações em resposta a interrogativas de foco estreito*<sup>13</sup>

- **Confirmação:**

1. *É*. (21);
2. verbo+*sim* (2)

---

<sup>13</sup> Indicamos entre parênteses o número de ocorrências da análise de Oliveira 2000.

- **Asseveração com relação a uma interrogativa de foco estreito:**

1. *É.* (13); 2. *Sim.* (1)

- **Asseveração com relação a uma interrogativa de foco largo:**

1. Verbo (47); 2. Verbo + *sim* (9)

- **Assentimento:**

1. Verbo (5); 2. –

Tipo de ato responsivo	Frequência do tipo de construção responsiva no levantamento de Oliveira (2000)			
	<i>É.</i>	<i>Sim.</i>	Verbo	verbo + <i>sim</i>
confirmação	21			2
asseveração com relação a uma interrogativa de foco estreito	13	1		
asseveração com relação a uma interrogativa de foco largo	47			9
assentimento			5	

Quadro 2: Frequência de tipo de construção responsiva segundo o tipo de ato responsivo no levantamento de Oliveira (2000)

Segundo esse levantamento, dependendo do tipo do ato reativo, há preferências para certas construções responsivas. Na nossa análise de interações autênticas, mais adiante, enfocaremos (além da forma *É*, constatada por Oliveira (2000) como frequente em asseverações em resposta a uma interrogativa de foco estreito) particularmente a questão de saber se é possível constatar uma especialização na funcionalidade de certas construções responsivas nas

respostas curtas afirmativas. Note-se que os resultados de Rosemeyer/ Schwenter (2019: 92) também apontam para uma diferenciação, sendo *é* duas vezes mais frequente em *respostas não-eco* a perguntas e asserções do que *tá*, e *tá* cinco vezes mais frequente em *respostas não-eco* a ordens e propostas do que *é*.

No seu projeto “Perguntar e Responder em Português” no âmbito do seminário sobre Gramática e Comunicação que foi incentivado e supervisionado pelo Professor João Malaca Casteleiro, Leitão/ Verguete/ Cardoso (2007: 56-57) estabelecem uma tipologia semântica das respostas curtas afirmativas e negativas a PERGUNTAS SIM/NÃO a atos de fala informativos no Português Europeu numa escala epistêmica com os polos MENOS DÚVIDA, MAIS DÚVIDA e DESCONHECIMENTO.

menos DÚVIDA	mais DÚVIDA	DESCONHECIMENTO
Bom, sim / não	Não tenho certeza	Não sei
Digamos que sim / não	Mais ou menos	Não faço ideia
Acho que sim / não	Provavelmente	Não faço a mínima ideia
Creio que sim / não	Zalvez	Sei lá
Parece-me que sim / não	Se calhar	
Suponho que sim / não	Possivelmente	
Imagino que sim / não	Pode ser	

Quadro 3: Escala epistêmica de respostas curtas no Português Europeu que exprimem dúvida segundo Leitão/ Verguete/ Cardoso (2007: 57)

Distinguem dessas respostas ainda respostas a pedidos de objetos e atos:

- (33) A: Tens uma caneta que me emprestes? A minha ficou sem tinta?  
B: Sim, claro. Espera aí que vou buscá-la (Leitão/ Verguete/ Cardoso 2007: 57).

## 5 *Corpus*

O *corpus* da nossa análise é constituído por dois *corpora* de conversações em situações de compra e venda em pequenos comércios (padarias, açougues, lojas de roupas), farmácias, agências de viagem e em guichês de bancos em Florianópolis, *corpora* estes publicados em Zornig (1987) e em Luna (1990). Também incluímos a transcrição de uma conversação telefônica entre um cliente e as atendentes da sucursal brasileira da companhia espanhola *Telefonica* (cf. o Anexo), além do *subcorpus* português do projeto *Interpretação em Contexto Hospitalar*, gravado em Viana do Castelo com conversações entre médico e paciente (cf. Bührig et al. 2012).

## 6 ***É – tá – isso: análises de respostas curtas afirmativas no corpus de conversações autênticas brasileiras e portuguesas***

Depois do levantamento do estado da pesquisa sobre respostas curtas afirmativas na literatura linguística e na gramaticografia do português, pretendemos, nesta parte, analisar de maneira qualitativa algumas respostas curtas afirmativas em conversações autênticas do português do Brasil e do português europeu que são ainda pouco

consideradas na gramaticografia, como *é* e *tá*, mas também respostas curtas afirmativas intensificadas.

### 6.1 **É: asseverações em resposta a interrogativas de foco estreito**

Segundo Oliveira (2000), a resposta curta afirmativa com *é*, independentemente do verbo da pergunta anterior, deve ser considerada como típica para asseverações em resposta a interrogativas de foco estreito. Isso se confirma nos exemplos a seguir:

- (34) C: Vocês têm calção de banho?  
V: Lycra?  
C: **É.**  
V: Médio?  
C: **É.** Acho que é (Zornig 1987: 111, *grifos nossos*).

- (35) V: A senhora?  
C: Só quero dar uma olhada. Blusa.  
V: Camisa de homem?  
C: **É,** com quadriculado (Zornig 1987: 111, *grifos nossos*).

Em (34) e (35) não há verbo na pergunta que introduz a resposta curta afirmativa: a pergunta focaliza apenas um elemento (material, tamanho, tipo de roupa), que faz parte do frame atualizado pela conversação de compra e venda. O objetivo das perguntas dos vendedores é, em todos os casos, conhecer o desejo dos clientes e concretizá-lo. Se fôssemos interpretar os enunciados sem verbo dos vendedores como elípticos, deveríamos esperar que os clientes retomassem as perguntas com um verbo volitivo na primeira pessoa e não com o verbo *ser* na terceira pessoa. Portanto, um aspecto interessante do uso de *é* como resposta curta afirmativa é

que aponta para a probabilidade de que os interlocutores não percebiam as perguntas sem verbo como elipses.

Nos próximos dois exemplos, os vendedores utilizam o verbo *querer* nas suas perguntas, mas, mesmo assim, os clientes, nas suas respostas curtas afirmativas, usam *é* e não *quero*.

- (36) C: Carne moída.  
V: Moída de primeira o sr. *qué?*  
C: **É.** Um quilo de fígado também (Zornig 1987: 103, *grifos nossos*).
- (37) V: então a senhora *queria* um passeio para Blumenau?  
C: **é./** nós tamos agora uns dias livres [...] (Luna 1990: 162, *grifos nossos*).

Também em (36) e (37) se trata de respostas curtas afirmativas a interrogativas de foco estreito, pois as perguntas focalizam elementos específicos (qualidade da carne, lugar do passeio planejado) aos quais os clientes se referem com a resposta curta afirmativa com *é*<sup>14</sup>.

Em (38) vemos um exemplo interessante, no qual a cliente responde primeiro com uma resposta curta afirmativa com *é*, sem retomar o verbo da pergunta para, logo depois, acrescentar uma resposta estendida retomando o verbo da pergunta:

- (38) V: oi!  
C: oi! / vamo ter de fazer uma mudança na reserva./ tem mais uma pessoa.  
V: **tem** mais uma pessoa?

---

<sup>14</sup> Outra interpretação possível seria que a resposta com *é* foi escolhida para incluir os dois elementos focalizáveis com o escopo largo no enunciado inteiro. Respostas do tipo *É, quero* ou *É, queria* com escopo no enunciado pelo *é* e escopo no verbo com *quero/ queria* também seriam possíveis. Agradeço a Liliane Santos por esse comentário.

C: **é. tem** mais um nome [...] (Luna 1990: 168, *grifos nossos*).

Como explicar este uso do *é* em vez de *tem* na resposta curta afirmativa? Ao nosso ver, há duas possibilidades de explicação: ou este exemplo indica que *é* está em processo de gramaticalização<sup>15</sup> como resposta curta afirmativa mais generalizada ou o *é* também aqui possui um foco estreito. Se esta última explicação estiver correta, o uso do *é* confirmaria que o elemento informativo mais importante da pergunta anterior seria *mais uma pessoa*. Porém, a cliente parece estar consciente de que o uso de *é* não é tão claro nesse contexto. Isso explicaria a razão pela qual retoma a globalidade da pergunta com a resposta explicativa, retomando o verbo da pergunta (*ter*) e variando o complemento direto do verbo (de *pessoa* para *nome*)<sup>16</sup>.

No próximo exemplo ocorrem tanto *é* como *tá* como respostas curtas afirmativas. Ambos possuem, porém, funções diferentes. *É* realiza, como nos exemplos anteriores, uma asseveração em resposta a uma interrogativa de foco estreito; *tá*, no entanto, realiza um assentimento:

- (39) V: Adalat./ é só Adalat que o senhor quer?  
C: qual é o preço?

---

<sup>15</sup> É o que indicam as conclusões de Rosemeyer/ Schwenter (2019: 97), que consideram que *é* se emancipou do seu contexto de uso original em perguntas-eco, para chegar a contextos de *resposta não-eco*.

<sup>16</sup> Também seria possível considerar que as duas hipóteses são complementares, quer dizer, a gramaticalização viria justamente do “estreitamento” do foco/escopo. Neste caso, os exemplos (36)-(37) indicariam uma etapa intermediária do processo de gramaticalização. Agradeço a Liliane Santos para essa observação pertinente.

V: **tá.**/ já venho . / tá? ((vai buscar o medicamento)). Adalat né?  
C: **é**  
S: tá custando 896. / tem 10% de desconto./menos 89 quer levar algo (Luna 1990: 207, *grifos nossos*).

No seu segundo turno, o vendedor responde à pergunta do cliente: “Qual é o preço?” simplesmente com *tá*, apesar de ser uma pergunta de informação que não pode ter uma afirmação ou negação como resposta, mas o vendedor anuncia, depois de uma pausa curta, que vai se afastar para buscar o medicamento e voltar. Nesse turno, ele não responde à pergunta do cliente pelo preço: com *tá* ele ratifica a pergunta e sinaliza que aceita o compromisso de se informar sobre o preço sem precisar admitir de maneira explícita que não sabe o preço naquele exato momento. Nesse exemplo, portanto, há uma divisão funcional clara entre *é* (=asseveração) e *tá* (=assentimento). Analisaremos a seguir mais exemplos de *tá*.

## 6.2 *Tá*: assentimento

Em nosso *corpus*, *tá* é uma resposta curta de assentimento a diferentes atos de fala e não somente quando precede uma pergunta ou um ato de fala diretivo. Por isso, convém distinguir entre *assentimento incentivado de maneira verbal explícita pelo falante* e *assentimento iniciado pelo ouvinte*.

### 6.2.1 Assentimento incentivado de maneira explícita pelo falante

No exemplo a seguir, a vendedora da agência de viagem deseja confirmar o dia da viagem e pede uma confirmação da cliente pelo sinal de falante interrogativo *né?*

- (40) V: ó: Eliane ((mostra a passagem aérea))  
C: deu?  
V: dia 29 **né?**  
C: **tá.**  
V: de novembro./ 134 com 262./ 9 e 20 no aeroporto.  
C: tchau./ querida./ obrigada  
V: tchau./ de nada. (Luna 1990: 161-162, *grifos nossos*).

A questão que se poderia colocar aqui é a de saber por que a cliente usa para sua resposta curta afirmativa *tá* e não *é*. Como mostrado acima, a resposta *é* costuma ser usada para asseverar uma informação concreta contida no enunciado interrogativo anterior. No caso de (40), a interação, no entanto, já está na fase final: o pedido de confirmação da vendedora é uma última confirmação. Com a resposta *tá*, a cliente parece não só asseverar a informação precisa do enunciado anterior, mas também, e ao mesmo tempo, ratificar toda a transação comercial. Isso pode também explicar o fato de que a interação, depois, seja finalizada muito rapidamente.

## 6.2.2 Assentimento por iniciativa do ouvinte

Em muitos exemplos, como em (41), o assentimento expresso por *tá* é enunciado pela iniciativa da própria ouvinte, sem ser incentivado pelo falante por meio de um ato interrogativo ou diretivo:

- (41) V: aí entro em contato com você.  
C: **tá** ./ ou então com a Marize né./ com a Anita (Luna 1990: 169, *grifos nossos*).

Em (41), a cliente ratifica o anúncio do vendedor por meio do qual este se compromete a entrar em contato com a cliente num momento posterior, por sua própria iniciativa. A resposta, portanto, é dada no plano ilocucional.

Em (42), por outro lado, a cliente reage com *tá* a um ato informativo não solicitado de maneira explícita<sup>17</sup> e que ao mesmo tempo é uma resposta à sua pergunta anterior, que foi afirmada simplesmente com *sim*:

- (42) V: ((ocupada, fazendo outra coisa))  
C: me dá só uma informação./ vocês vendem passagem Catari-nense aqui?  
V: **sim.** / ida e volta  
C: **tá** obrigada  
V: ((silêncio)) (Luna 1990: 159)

O exame do contexto interacional permite perceber que, para a cliente, a confirmação da informação dada pela vendedora é impossível, pois dela não dispunha antes de a pedir: A única reação

---

<sup>17</sup> Na época da gravação dessa conversa, a informação de que se vendiam também passagens de volta era importante, porque em muitos locais de venda de passagem de ônibus somente era possível adquirir passagens de ida.

possível da cliente é sinalizar que recebeu e processou a informação. Assim, a resposta curta ao ato informativo anterior é um assentimento que ratifica o sucesso da interação.

Pelos exemplos apresentados até este ponto, aparenta existir uma diferenciação funcional clara entre *tá* (= assentimento) e *é* (= asseveração em resposta a uma interrogativa de foco estreito). Se também incluirmos, no entanto, assentimentos que não são reações a perguntas, encontraremos também usos de *é*.

### 6.3 *É*: assentimentos sem pergunta anterior

No penúltimo turno de (43), o vendedor realiza um ato diretivo (sugestão) sob a forma de um imperativo (*Dá uma provadinha*), ao sugerir que o cliente experimente a calça escolhida.

- (43) C: Quero vê uma calça.  
V: Cintura 84?  
C: É tamanho 42 ou 44.  
V: Qué chegá aqui senhor?  
C: Essa aqui é 42?  
V: É. Tem assim ó. Dá uma provadinha.  
C: **É** vou experimentar essa aqui (Zornig 1987: 115, grifos nossos)

O que interessante nesse caso é que o cliente ratifica o ato diretivo por meio de um assentimento com *É*<sup>18</sup>. Encontramos o mesmo procedimento no exemplo (44), retirado da conversação telefônica transcrita no Anexo. O cliente reage ao pedido de desculpas da atendente com um assentimento expresso por *é*:

---

<sup>18</sup> Em (43), o ato reativo com *é* não pode ser asseveração de *Tem assim ó*, do turno anterior, porque o cliente não é detentor do conhecimento sobre estilos e tamanhos das calças do estoque da loja.

- (44) ((Pausa ca. 3 min.)) ((toque do bip))  
Atend1: carlos obrigado por aguardar. desculpe a demora'  
C:            **é** (Telefonica, Anexo)

Contudo, não se trata de uma reação canônica que ratifica o pedido de desculpas suprimindo a causa do desequilíbrio (cf. Johnen/ Weise/ Schmidt-Radefeldt 2003: 54-56), mas apenas de um assentimento para reestabelecer o equilíbrio ritual da interação (cf. Johnen 2017: 321) no sentido de Kerbrat-Orecchioni (1998: 148), pois o assentimento com *é* mantém e reconhece como real a causa do dano causado ao ouvinte, isto *é*, a demora. Portanto, o uso de *é* em respostas deste tipo não passa de um assentimento meramente formal e implica um certo distanciamento. Assim, serve para mostrar o desagrado do interlocutor. É possível parafrasear a implicatura pelo assentimento formal com “ouvi o que você disse, mas não gostei”).

Em (43) e (44), o assentimento com *é* pode ser considerado como uma reação a um ato de fala (sugestão, desculpa) que exige uma reação. No próximo ponto, será considerado um exemplo em que *é* se enuncia pela iniciativa do ouvinte e tem a função de confirmação.

## 6.4 *É*: confirmação

Como mencionado mais acima, a confirmação, definida por Oliveira (2000: 42) como um ato responsivo não a uma pergunta, mas a um ato de fala informativo, é muito frequente e exigiria um estudo próprio. Por isso, limitamo-nos aqui apenas ao uso do verbo *ser* na terceira pessoa do singular em contextos nos quais o ato de fala informativo ao qual o ouvinte reage não contém o verbo *ser*. Nestes atos de confirmação, revela-se a multifuncionalidade de *ser* na terceira pessoa do singular como construção responsiva para respostas curtas afirmativas.

(45)

Médico	Então/ então tem a bombinha . Costumava fazer a bombinha
Paciente	<b>Era</b>
Médico	em casa                      Como é que se chama a bombinha, não sabe
Paciente	<b>era, era • E ...</b>

(P-ANA-95, PF 19, do *corpus* Bührig et al. 2012, *grifos nossos*)

O paciente confirma com *era* os elementos do resumo da situação dados pelo médico. A iniciativa é do ouvinte (= paciente), sem que tenha sido explicitamente incentivado pelo falante (= médico). Trata-se, aqui, de uma atividade de retroalimentação normal de conversações nas quais os interlocutores constroem em cooperação os sentidos da conversação em cooperação da troca<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> Sobre a coprodução discursiva, cf., por exemplo, Koch (2006: 40-43).

## 6.5 *Tá* como resposta curta afirmativa de foco largo

Até agora analisamos apenas exemplos de *tá* com a função de assentimento. O nosso *corpus* também conta, no entanto, com uma ocorrência em que *tá* é usado como resposta curta afirmativa a uma interrogativa de foco largo. Trata-se de uma conversa numa agência de viagem de Florianópolis, entre uma vendedora de 25 anos e um casal na casa dos 40 que diverge em fases a respeito do propósito da sua ida à agência. No trecho que nos interessa, os três conversam sobre uma festa, uma noite alemã a que os três participantes da interação estiveram presentes.

- (46) V: vocês não foram à noite alemã?  
C1: fomos  
C2: fomos  
V: gostaram?  
C1: gostamos  
C2: gostamos ./ você tava lá ontem?  
V: eu tava./ vocês não viram eu dançando com os gringos lá não?  
C1: eu vi ((ri))  
V: era eu dançando com eles. / e eu fiz o sorteio.  
C2: mas você não foi a primeira que saiu dançando?  
V: **tá.**/ não tem aquela hora que chamaram todos os gringos lá em cima do palco. /ou vocês já tinham ido embora? (Luna 1990: 163, *grifos nossos*).

Em (46), *tá* não é uma asseveração, mas parece, antes, ser um sinal de que a vendedora vê como necessário explicar melhor em que ocasião especial da festa ela dançou, pois percebe que C2 não entendeu bem em qual momento ela foi dançar (por isso, a segunda tentativa de explicação, logo em seguida). Ao mesmo tempo, o uso de *tá* permite não responder à pergunta, sem, porém, violar o intercâmbio ritual interacional de pergunta – resposta. Esse exemplo

singular mostra que é preciso conduzir mais estudos, com *corpora* mais variados, para entender melhor a multifuncionalidade das respostas curtas afirmativas nas interações concretas.

## **7 Respostas curtas afirmativas expandidas ou intensificadas**

Em muitos contextos, a resposta curta afirmativa é expandida ou intensificada. Por isso, cumpre indagar que fatores favorecem expansões e intensificações<sup>20</sup>. Não pretendemos apresentar um quadro completo, mas apenas exemplificar alguns fenômenos que foi possível identificar no *corpus* analisado.

### **7.1 Intensificação pela identificação dêitica: isso**

Como já foi constatado por Gärtner (1998: 666), o pronome anafórico (com usos tanto de deixis textual como situacional) *isso*, pode também funcionar como resposta curta afirmativa como em (47):

- (47) C: Dá 6 pães daquele lá ó.  
V: Desse?

---

<sup>20</sup> Por “expansão”, entendemos o acréscimo de elementos, além da resposta afirmativa mínima. Por “intensificação”, entendemos a intensificação da função ilocucional da resposta curta afirmativa, a qual pode se realizar pela expansão da resposta, mas também pela escolha lexical da resposta ou ainda pela entoação (que mereceria um estudo à parte, razão pela qual não será levada em consideração neste trabalho). Assim, a expansão pode causar uma intensificação, mas esse não é um processo automático.

C: **Isso.** (Zornig 1987: 97, grifos nossos).

Se fizermos a prova de comutação com *é*, torna-se evidente que *isso* intensifica a asseveração realizada pela resposta:

(48) C: Dá 6 pães daquele lá ó.  
V: Desse?  
C: **É.**

Uma explicação para esse fenômeno pode ser o valor dêitico mais forte de *isso* em comparação com *é*.

Um grau de intensificação maior possui, no entanto, a fórmula expandida *é isso aí*, exemplificada em (49), que precede da resposta curta afirmativa minimamente necessária *só*.

(49) C: Queria Bactrin, uns 5 envelopes de Aspirina e (...)  
V: **Só?**  
C: **É isso aí. Só.** (Zornig 1987: 120, grifos nossos).

## 7.2 *Pois é*

Em (50), o vendedor exprime uma opinião. Na sua resposta curta com *pois é*, o cliente intensifica a sua aderência a essa opinião: uma resposta curta apenas com *é* mostraria menos entusiasmo.

(50) V: é bom esse vôo porque ele vai direto./ até São Paulo né?  
C: **pois é** (Luna 1990: 161, grifos nossos).

### 7.3 Respostas curtas afirmativas nas quais é acrescentado um elemento de informação além do mínimo necessário

Em muitas ocorrências de respostas curtas afirmativas, é possível observar que o locutor não se contenta com uma resposta mínima possível, mas acrescenta um elemento de informação retomado dos turnos anteriores, como se vê em (51), em que a vendedora pergunta para reconfirmar o horário da passagem do ônibus, enunciando apenas o número que indica o horário. Bastaria o cliente, na sua resposta, repetir esse número, mas ele faz questão de acrescentar o substantivo *horas*:

- (51) V: já foi atendido?  
C: passagem  
V: prá amanhã?  
C: Blumenau. / quinta-feira./ 18 horas  
V: dia 6 ./ **18**?  
C: **18 horas** (Luna 1990: 161, *grifos nossos*).

Em (52), a cliente não só confirma com *é* a pergunta verificativa do vendedor sobre o nome da cidade para a qual a cliente deseja comprar a passagem, mas repete outra vez o nome da cidade em questão:

- (52) V: pois não?  
C: eu queria uma passagem prá Itajaí./ no horário das 17 e 30  
V: ((telefone para fazer a reserva)) **é Itajaí né? Itajaí**  
C: **é Itajaí** (Luna 1990: 157, *grifos nossos*).

Nos exemplos (51) e (52), a expansão da resposta curta afirmativa mínima, assim como em (47), tem a função de ressaltar mais

a informação ou, no caso de (51) e (52), de evitar qualquer equívoco. No exemplo a seguir, a expansão possui, no entanto, uma outra função:

- (53) C: **Bisteca de porco é** 19 mil?  
V: **Bisteca é.**  
C: me vê 5, mas como mignon (Zornig 1987: 99, *grifos nossos*).

Pela sua pergunta, a cliente pretende confirmar o preço de bisteca de porco. O vendedor não se limita a retomar o verbo na sua resposta curta, mas acrescenta o nome do tipo de carne. Assim, ele confirma o preço, mas restringe a validade ao tipo específico de carne, ao mesmo tempo dando assim a entender, pela estrutura informacional do enunciado, que há outros tipos de carne, com outros preços. A resposta pode ser, portanto, vista como uma prevenção contra a desistência da cliente de comprar carne na ocasião, caso o preço fosse alto demais para ela.

## 8 Considerações finais

Evidenciamos, no início deste trabalho, a relevância e a dificuldade que as respostas curtas afirmativas apresentam para aprendizes de PLE e crianças criadas em contextos de bilinguismo com o português como L1 mais fraca. Constatamos que apenas gramáticas de uso para aprendizes de PLE consideram as respostas curtas afirmativas. A análise dessas gramáticas mostra que oferecem, particularmente para o português europeu, muitas explicações úteis para os aprendizes de PLE, mas que são limitadas se quiser-

mos introduzi-las no uso em interações reais. Os estudos linguísticos pioneiros, particularmente os de Schmidt-Radefeldt (1978, 1980) e Oliveira (2000), oferecem pistas a explorar no que tange à inter-relação entre respostas curtas e diferentes atos de fala.

Os exemplos que analisamos limitaram-se a poucos fenômenos menos tratados na gramaticografia e na pesquisa linguística, mas ilustraram a complexidade do fenômeno das respostas curtas afirmativas na língua portuguesa: por um lado, evidenciamos que as respostas curtas afirmativas são construções responsivas no sentido de Linell (2003: 162; 2005: 255), isto é, são construções cuja forma gramatical mostra dependência do enunciado anterior (ou, em casos especiais, de um contexto local especial) e que parece útil tomar em consideração as duas subcategorias de construções responsivas apresentadas por Linell (2005: 255-265):

a) *construções elípticas*, isto é, construções que evitam repetir componentes específicos do enunciado anterior e

b) *construções reativas*, isto é, construções que escolhem e repetem certos componentes dos enunciados anteriores, realçando-os dessa maneira.

Mais particularmente, a análise em 7.3 sobre as expansões de respostas curtas afirmativas nas quais um elemento de informação é acrescentado, evidencia que as respostas curtas afirmativas não são construções elípticas, mas reativas.

Independentemente de Linell (2003, 2005), Hoffmann (1997) e Ehlich (2007) completam as suas respectivas tipologias das classes de palavras com a categoria dos responsivos (ao lado das interjeições). Hoffman as define como:

classe de unidades independentes e funcionais do discurso que não possuem nenhum conteúdo proposicional próprio, mas que operam em unidades linguísticas do contexto (por exemplo, uma pergunta anterior). Nessa função, não são integráveis sintaticamente na oração e permitem apenas uma expansão mínima. Ocupam um lugar próprio nos padrões acionais e no aparato dos turnos conversacionais. Possuem a função de finalizar um padrão acional com uma reação esperável (resposta a uma pergunta, aceitação de uma oferta, etc.) (Hoffmann 1997: 367; tradução nossa).

A multifuncionalidade de algumas formas, evidenciadas pela nossa análise, aponta para o fato de que devem ser vistas num contexto mais amplo de construções reativas. Neste contexto, é interessante notar que Sieberg (2016), recorrendo a Hoffmann (1997), também define uma classe de expressões reativas, o que o leva a ampliar a definição do grupo dos reativos para incluir as “reações verbais a todos os atos de fala possíveis realizados nos enunciados anteriores” (Sieberg 2016: 105-106, tradução nossa). Assim, na sua análise do português europeu (Sieberg 2018: 138-152), o autor não diferencia entre respostas curtas afirmativas e outras construções reativas<sup>21</sup> (cf. também uma análise anterior em Sieberg 2015).

---

<sup>21</sup> Sieberg (2018: 152) apresenta o seguinte inventário de expressões reativas no português europeu (uma lista que não considera exaustiva): *acha(s)*, *acho*

Para uma gramática comunicativa, no entanto, importa analisar, por um lado, o repertório multifuncional das construções, mas por outro, também as especificidades, como os atos reativos a diferentes atos de fala, as restrições e os usos preferenciais.

Para isso, a proposta de Oliveira (2000), apresentada anteriormente, é um ponto de partida útil. Porém, na base dos nossos resultados, nos parece necessário modificar essa proposta: propomos manter as três categorias ilocucionais – assentimento, confirmação e asseveração – e completá-las com duas categorias interacionais:

a) Enunciação do ato reativo à iniciativa do ouvinte<sup>22</sup>

b) Enunciação do ato reativo verbalmente incentivado pelo falante

No caso de b), temos atos reativos que correspondem ao conceito tradicional de resposta, mas, também no caso de b), é possível que se trate de uma interação com certo grau de ritualidade. No ca-

---

*que sim, ah, ah sim, aí é, aí não, aí está, ainda bem, assim é que é, assim mesmo, certamente, certeza?, chega, claro, claro que sim, com certeza, como pode, como assim, concordo, deixa me, deixa estar, dúvidas), duvido, e então, é, é assim mesmo, então, é evidente, é isso, é mesmo, é óbvio, é que tu pensas, é assim mesmo, está a brincar, eu acho que sim, está bem, exatamente, experimenta, força, incrível, isso mesmo, mas é (posição final), mais ou menos, mas é evidente, não, não acredito, não fazia ideia, não me digas, não me faces rir [sic], não posso crer, não sei bem, nem morto, nem pensar, nem penses, o quê!, ora essa, oxalá que seja, ora nem mais, paciência, precisamente, quem diria, sei, sim, será, será mesmo, sem dúvidas, sem sombra de dúvidas, sem dúvida, também acho, tu também, vai lá dar uma volta, vamos então, vamos lá ver, veja lá, será, será mesmo?, tal e qual, vá lá.*

<sup>22</sup>A asserção sem pergunta-tag, considerada no estudo de Rosemeyer/ Schwenter (2019: 92) como categoria *sui generis*, pertence à nossa categoria a). Aqui prevalece o uso de *é* e de *tá*.

so de a), entramos no amplo campo da retroalimentação (cf., por exemplo, Lindström 2008: 81-87). Aqui interessa, entre outros elementos, saber em que medida construções responsivas utilizadas no caso b) podem também ser usadas no caso a).

Para a descrição linguística sistemática, a multifuncionalidade de tais construções pode ser vista como um desafio considerável. Do ponto de vista da didática, contudo, parece-nos até ser uma vantagem. Se os aprendizes conhecem uma construção em um contexto de uso, em regra geral é mais fácil ampliar esse uso para outros contextos e aprender as suas particularidades. Para poder guiar os aprendizes nesse caminho, pesquisas que procurem descrever essas construções de maneira sistemática são um pré-requisito imprescindível.

Na sua análise, Rosemeyer/ Schwenter (2019: 97) chegam à conclusão de que em respostas-eco o enunciador da resposta aceita uma responsabilidade epistêmica maior com relação à proposição do que nas respostas não-eco. Nossos exemplos de respostas com *é* em *respostas não-eco*, porém, parecem apoiar mais a análise de Oliveira (2000), que defende que as preferências têm a ver com o tipo de ato de fala e o foco largo ou estreito do ato interrogativo. Em última análise, isso significa que *é* possui um valor dêitico, capaz de relacionar a resposta com os elementos relevantes da pergunta.

Também vimos, nos exemplos aqui apresentados, que *tá* não opera no nível proposicional do ato anterior, mas, no nível ilocucional. Isso também é possível com *é*, que, no entanto, identifica (como no exemplo do pedido de desculpas pela demora), ao mesmo tempo, elementos do ato de fala anterior que são confirmados.

De maneira análoga ao que Hoffmann (2008) mostra no caso do alemão *ja*, estudos futuros teriam que analisar melhor o papel das respostas curtas no processamento de informações dos interlocutores nas diferentes constelações de atos reativos. As análises de Rosmeyer/ Schwenter (2019) apontam na mesma direção, quando descrevem funções concretas como o alinhamento para o *common ground*, os conhecimentos compartilhados e as categorias de responsabilidade epistêmica.

## **Referências bibliográficas**

### *Corpus*

Bühlig, Kristin / Meyer, Bernd (1997): Dolmetschen im Krankenhaus (DiK) (Version 1.0) [Data set].  
<http://doi.org/10.25592/uhhfdm.8308>

Lindgren, Astrid ([1945] 1971): *Pippi Langstrumpf*, traduzido do sueco por Cäcilie Heinig. Hamburg: Oetinger.

Lindgren, Astrid ([1945] 1995): *Fifi Brindacier*, traduzido do sueco por Alain Gnaedig. Paris Hachette jeunesse.

Lindgren, Astrid ([1945] 1996): *Pippi Calzelunghe*, traduzido do sueco por Annuska Palme Larussa e Donatella Ziliotto. Firenze: Salani.

- Lindgren, Astrid ([1945] <sup>16</sup>2002): *Pippi Langkous*, traduzido do sueco por Liesbeth Borgesius-Wildschut e Saskia Ferwerda. Amsterdam: Ploegsma (Astrid Lindgren Bibliothek; 10).
- Lindgren, Astrid ([1945] 2004): *Pippi Långstrump*. Stockholm: Rabén & Sjögren.
- Lindgren, Astrid ([1945] 2004): *Pippi Longstocking*, traduzido do sueco por Edna Hurup. Oxford: Oxford University Press.
- Lindgren, Astrid ([1945] 2004): *Pippi Uzunçorap ıssız köşkte*, traduzido do sueco por Şahin Alpay. İstanbul: Can.
- Lindgren, Astrid ([1945] 2006): *Pippi Meialonga*, traduzido do sueco por Maria de Macedo. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- Lindgren, Astrid ([1945] 2007): *Pipi das Meias Altas*, traduzido do sueco por Maria do Céu Mascarenhas. Algés: Difel.
- Lindgren, Astrid ([1945] 2010): *Πίπη Φακιδούτη*, traduzido do sueco por Katrin Engelking. Athina: Psychogios.
- Lindgren, Astrid (1945) 2010): *Пеппи Длинныйчулок*, traduzido do sueco por L. Linginoj. Moskva: Astel' ACT.
- Lindgren, Astrid ([1945] 2017): *Pippi Mediaslongas*, traduzido do sueco por David A Álvarez. Pontevedra: Kalandraka.

- Lindgren, Astrid ([1945] 2020a): *Pippi Calcesllargues*, traduzido do sueco por Antoni García Llorca. Madrid: Kókinos.
- Lindgren, Astrid ([1945] 2020b): *Pippi Calzaslargas*, traduzido do sueco por Ulla Ljungström e Esther Rubio. Madrid: Kókinos.
- Lindgren, Astrid ([1945] 2020c): *Pippi Langkous*. Fryske edysje, traduzido por Martsje de Jong. Ljouwert: afûk.
- Lindgren, Astrid ([1945] 2022): *Pippi Langstrømpe*, traduzido do sueco por Kina Bodenhoff. København: Gyldendal.
- Lindgrenová, Astrid ([1945] 2021): *Pippi Dlouhá Punčocha*, traduzido do sueco por Josef Vohryzek e Dagmar Hartlová. [Praha]: Albatros.
- Luna, José Marcelo Freitas (1990): *Brazilian-Portuguese and British-English Service Encounters: a Contrastive Genre Analysis*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC-Inglês, 157-173; 206-217.
- Preußler, Otfried ([1966] <sup>50</sup>2009): *Das kleine Gespenst*. Stuttgart: Thienemann.
- Zornig, Dirce Fischer (1987): *Politeness: Brazilian-Portuguese Request in Service Encounters*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC-Inglês, 94-127.

## Estudos e gramáticas

- Bühlig, Kristin / Kliche, Ortrun / Pawlack, Birte / Meyer, Bernd (2012): "The *corpus* 'Interpreting in hospitals' – possible applications for research and communication trainings", in: Schmidt, Thomas / Wörner, Kai (eds.): *Multilingual Corpora and Multilingual Corpus Analysis*. Amsterdam; Philadelphia. (Hamburg Studies in Multilingualism; 14), 305-315.
- Carreira, Maria Helena de Araújo/ Boudoy, Maryvonne (1997): *Le portugais de A à Z*. Paris: Hatier.
- Carvalho, Orlene Lúcia S./ Bagno, Marcos (2015): *Gramática brasileira para hablantes del español*. São Paulo: Parábola (Educação linguística; 10).
- Casteleiro, João Malaca/ Meira, Américo/ Pascoal, José (1988): *Nível limiar: para o ensino / aprendizagem de português como língua segunda / língua estrangeira*. Strasbourg: Conseil de l'Europe; Lisboa: ICALP.
- Castilho, Ataliba Teixeira de/ Preti, Dino (1987): *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*, vol. II: *Diálogos entre dois informantes*. São Paulo: T.A. Queiroz; FAPESP.
- Eliasson, Mary-Anne (2012): *Aquisição bilíngüe sueco-português: a produção do português brasileiro como a língua mais fraca em crianças bilíngües simultâneas em Estocolmo*. Tese de doutorado. Stockholm University: Department of Spanish, Portu-

guese and Latin American Studies, Stockholm. Disponível online: <http://urn.kb.se/resolve?urn=urn:nbn:se:su:diva-75135> (22/05/2021).

Eliasson, Mary-Anne (2015): “`Sim. Ahã. Sei` : Aquisição das respostas curtas verbais afirmativas por bilíngues simultâneos sueco-brasileiros”, in: Engwall, Gunnel/ Fant, Lars (eds.): *Festival Romanistica: Contribuciones lingüísticas – Contributions linguistiques – Contributi linguistici - Contribuições linguísticas*. Stockholm: Stockholm University Press (Stockholm Studies in Romance Languages; 1), 131-159. DOI: <https://doi.org/10.16993/bac.g>

Ehlich, Konrad (2007): „Interjektion und Responsiv“, in: Hoffmann, Ludger (ed.): *Handbuch der deutschen Wortarten*. Berlin; New York: De Gruyter, 423-444.

Engel, Ulrich (<sup>2</sup>1991): *Deutsche Grammatik*. Heidelberg: Groos; Tokyo: Sansyusya.

Fávero, Leonor Lopes/ Andrade, Maria Lucia da Cunha Victório de Oliveira/ Aquino, Zilda Gaspar Oliveira de (2006): “O par dialógico pergunta – resposta”, in: Jubran, Clélia Cândida Abreu Spinardi/ Koch, Ingedore Grunfeld Villaça (eds.): *Construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp (Gramática do português culto falado; 1), 133-166.

Gärtner, Eberhard (1998): *Grammatik der portugiesischen Sprache*. Tübingen: Niemeyer.

Hoffmann, Ludger (1997): „Interjektionen und Responsive“, in: Zifonun, Gisela/ Hoffmann, Ludger/ Strecker, Bruno (eds.): *Deutsche Grammatik*, vol. 1. Berlin; Boston: de Gruyter (Schriften des Instituts für deutsche Sprache; 7), 360-408.

Hoffmann, Ludger (2008): „Über *já*“, in: *Deutsche Sprache* 36,3, 193-219. DOI: <https://doi.org/10.37307/j.1868-775X.2008.03.02>

Hundertmark-Santos Martins, Maria Teresa (1982): *Portugiesische Grammatik*. Tübingen: Niemeyer.

Johnen, Thomas (2003): *Die Modalverben des Portugiesischen (PB und PE): Semantik und Pragmatik in der Verortung einer kommunikativen Grammatik*. Hamburg: Kovač (Philologia: Sprachwissenschaftliche Forschungsergebnisse; 60).

Johnen Thomas (2012): "Os atos de fala numa gramática comunicativa do português", in: Silva, Roberval Texeira e/ Yan, Qiarong/ Espadinha, Maria Antónia/ Leal, Ana Varani (eds.): *Anais do III SIMELP: A formação de Novas Gerações de Falantes de Português no Mundo, simpósio 14: Gramática comunicativa da língua portuguesa* [CD-ROM]. Macau: Universidade de Macau, 37-50, disponível online: <http://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/anais-III-SIMELP-323-348.pdf> (30/05/2021).

Johnen, Thomas (2017): "O ato de fala *desculpa* numa gramática comunicativa do português", in: Rosa, Gian Luigi di/ Chulata,

Katia de Abreu/ Atti, Francesca delli/ Morleo, Francesco (eds.): *De volta ao futuro da língua portuguesa. Atas do V SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*. Lecce: Università del Salento, 319-338. DOI: 10.1285/i9788883051272p319

Johnen, Thomas/ Weise, Karin/ Schmidt-Radefeldt, Jürgen (2003): „Sich entschuldigen` im Deutschen und Portugiesischen“, in: *Lusorama* 54, 6-70.

Kato, Mary Aizawa/ Tarallo, Fernando (1992): “*Sim*: respondendo afirmativamente em português”, in: Paschoal, Maria Sofia Zanotto/ Celani, Maria Antonieta Alba (eds.): *Linguística aplicada: da aplicação à linguística transdisciplinar*. São Paulo: EDUC, 259-277.

Kerbrat-Orecchioni, Catherine (<sup>2</sup>1998): *Les interactions verbales*, tome 3 : *Variations culturelles et échanges rituels*. Paris : Armand Collin (Collection U «Linguistique»).

Koch, Ingedore Grunfeld Villaça (2006): “Especificidade do texto falado”, in: Jubran, Clélia Cândida Abreu Spinardi/ Koch, Ingedore Grunfeld Villaça (eds.): *Construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp (Gramática do português culto falado; 1), 39-46.

Leitão, Ana/ Verguete, Cátia/ Cardoso, Luciana (2007): “A falar é que a gente se entende”, in: Mata, Inocência/ Grosso, Maria José (eds.): *Pelas Oito Partidas da Língua Portuguesa: Professor João Malaca Casteleiro; homenagem*. Macau: Universidade

de Macau; Instituto Politécnico de Macau; Lisboa: Departamento de Língua e Cultura Portuguesa, FLUL, 53-64.

Lindström, Jan (2008): *Tur och ordning: introduktion till svensk samtalsgrammatik*. Stockholm: Norstedt.

Linell, Per (2003): "Grammatiska konstruktioner i samtalspraktiken", in: Nordberg, Bengt/ Keevallik Eriksson, Leelo/ Thelander, Kerstin/ Thelander, Mats (eds.): *Grammatik och samtal: studier till minne av Mats Eriksson*. Uppsala: Institutionen för Nordiska Språk vid Uppsala Universitet (Skrifter utgivna av Institutionen för Nordiska Språk vid Uppsala Universitet; 63), 161-171.

Linell, Per (2005): "En dialogisk grammatik?". In: Anward, Jan/ Nordberg, Bengt (eds.): *Samtal och grammatik: studier i svenskt samtalsspråk*. Lund: Studentlitteratur, 231-328.

Martins, Ana Maria (2016): "O sistema responsivo: padrões de resposta a interrogativas polares e a asserções", in: Martins, Ana Maria/ Carrilho, Ernestina (eds.): *Manual de linguística portuguesa*. Berlin; Boston: de Gruyter, 581-609.

Matos, Gabriela (2013): "Elipse", in: Raposo, Eduardo Buzaglo Piva/ Nascimento, Maria Fernanda Bacelar do/ Mota, Maria Antónia Coelho da/ Segura, Luisa/ Mendes, Amália (eds.): *Gramática do Português*, vol. 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2351-2386.

Matte Bon, Francisco (1995): *Gramática comunicativa del español*, tomo II: *De la idea a la lengua*. Madrid: Edelsa.

- Moeschler, Jacques (1986): "Answers to questions about questions and answers", in: *Journal of Pragmatics* 19, 227-253.
- Oliveira, Marilza de (2000). *Frases assertivas e sua variação nas línguas românicas: seu papel na aquisição*. São Paulo: Humanitas.
- Rosemeyer, Malte (2019): "(Não) diga sim: Bejahende Antworten im gesprochenen Portugiesisch und im Portugiesischunterricht", in: Gabriel, Christoph/Grünke, Jonas/ Thiele, Sylvia (eds.): *Romanische Sprachen in ihrer Vielfalt: Brückenschläge zwischen linguistischer Theoriebildung und Fremdsprachenunterricht*. Stuttgart: ibidem (Romanische Sprachen und ihre Didaktik; 70), 15-42.
- Rosemeyer, Malte/ Schwenter, Scott A. (2019): "Echoic and non-echoic confirming affirmative responses in spoken Brazilian Portuguese", in: *Journal of Pragmatics* 141, 80-101.
- Santos, Ana Lúcia (2008): „Minimal answers: ellipsis, syntax, and discourse in the acquisition of European Portuguese", in: *Language Acquisition*, 15,3, 219-222.
- Santos, Liliane (2017): "Respostas negativas no Português do Brasil", in: in: Rosa, Gian Luigi di/ Chulata, Katia de Abreu/ Atti, Francesca delli/ Morleo, Francesco (eds.): *De volta ao futuro da língua portuguesa: Atas do V SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*. Lecce: Università del Salento, 349-367. DOI: 10.1285/i9788883051272p349

- Schmidt-Radefeldt, Jürgen (1978): *Aspekte einer Dialogtheorie von Frage-Antwort-Sequenzen (anhand von Beispielen aus dem Französischen, Portugiesischen und Deutschen)*. Habilitationsschrift [Tese de Livre Docência]. Kiel: Christian-Albrechts Universität Kiel.
- Schmidt-Radefeldt, Jürgen (1980): "Direkte Antworten auf Ja/Nein-Fragen: Ein portugiesisch-deutscher Sprachvergleich", in: *Iberoromania* 12, 1-17.
- Schmidt-Radefeldt, Jürgen (2003): „Zur Konzeption einer kommunikativen Sprachvergleichs-Grammatik Deutsch/ Portugiesisch“, in: Blühdorn, Hardarik/ Schmidt-Radefeldt, Jürgen (eds.): *Die kleineren Wortarten im Sprachvergleich Deutsch – Portugiesisch*. Frankfurt am Main: Lang (Rostocker Romanistische Arbeiten; 10), 109-124.
- Sieberg, Bernd (2015): „Responsive im deutschen und portugiesischen Nähesprechen und ihre Bedeutung für den Fremdsprachenunterricht“, in: Meliss, Meike/ Pöll, Bernhard (eds.): *Aktuelle Perspektiven der kontrastiven Sprachwissenschaft: Deutsch – Spanisch – Portugiesisch: Zwischen Tradition und Innovation*. Tübingen: Narr (Studien zur kontrastiven deutsch-iberoromanischen Sprachwissenschaft; 1), 219-239.
- Sieberg, Bernd (2016): „*Reaktive*: Vorschlag für eine Erweiterung der Kategorie *Responsive*“, in: Handwerker, Brigitte/ Bäuerle, Rainer/ Sieberg, Bernd (eds.): *Gesprochene Fremdsprache Deutsch: Forschung und Vermittlung*. Baltmannsweiler:

Schneider Verlag Hohengehren (Perspektiven Deutsch als Fremdsprache; 32), 101-116.

Sieberg, Bernd (2018): *Gesprochenes Portugiesisch aus sprachpragmatischer Perspektive*. Tübingen: Narr Francke Attempto (Romanistische Sprachforschung und Unterrichtsentwicklung; 11).

Sousa, Lílian Teixeira de (2020): „O sistema responsivo do português brasileiro“, in: *Diadorim* 22, 2, 497-515. DOI: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2020.v22n2a32800>

Whitlam, John (2011): *Modern Brazilian Portuguese Grammar: a practical guide*. London; New York: Routledge.

## Anexo:

*Telefonica péssimo atendimento* (documento áudio, disponibilizado online em 07/09/2008 por FalandoVerdade) em: <https://www.youtube.com/watch?v=9iBT-Dslsew> (22/03/2015), transcrição segundo das normas do projeto NURC (cf. Castilho/ Preti 1987: 9-10).

Atendente1: central de vendas telefonica regiane castro boa tarde com quem eu falo por gentileza?

Cliente: boa tarde com o carlos

Atendente1: em que posso ajudá-lo?

Cliente: gostaria de estar adquirindo o speedy e a tevê digital da telefônica

Atendente1: por gentileza você pode informar o seu telefone com DDD

Cliente: onze cinco cinco dois [...]

Atendente1: qual a cidade?

Cliente: são paulo capital

((pausa)) ((toque do bip))

Atendente1: para melhor atendê-lo prefere ser chamado senhor ou você?

Cliente: você

((Pausa)) ((toque do bip))

Atendente1: carlos você é o titular da linha?

Cliente: correto

((pausa))

Atendente1: um momento por gentileza, vou verificar a disponibilidade e se há alguma promoção para sua região . tudo bem?

Cliente: tá ok

((Pausa ca. 3 min.)) ((toque do bip))

Atendente1: carlos obrigado por aguardar. desculpe a demora'

Cliente: é

Atendente1: a disponibilidade do speedy para sua região . assim de imediato . . não teria

Cliente: eh'

Atendente1: que ela::: tá::: muito baixa

Cliente: e a tevê  
Atendente1: da tevê teria disponibilidade  
Cliente: teria?  
Atendente1: teria da tevê sim  
Cliente: qual tevê? a tevê da telefônica?  
Atendente1: seria a tevê digital da telefônica  
Cliente: tá mas eu liguei: aí essa semana . falaram que não tinha disponibilidade e agora já tem?  
Atendente1: então senhor a telefonica ela vai disponibilizando::: os sinais também .  
Cliente: eh'  
Atendente1: você ligou no na:: semana passada?  
Cliente: foi ... mas você tem certeza que tem mesmo a tevê?  
Atendente1: tem sim  
Cliente: ah então eu gostaria de estar adquirindo ((pausa)) ((toque do bip)) ((pausa)) alô?  
Atendente1: si::m? ... o pacote básico da tevê com vinte e quatro canais fechados  
Cliente: eh'  
Atendente1: há mais oito canais abertos . sai no total de::: sessenta e nove noventa  
Cliente: sim ... eu gostaria do pacote básico ... só que tem e o/ .. na minha casa são quatro televisores . é possível tá colocando os pontos adicionais?  
Atendente1: cada . ponto adicional tem uma mensalidade de de de de-zenove e noventa  
Cliente: ãh  
Atendente1: aí no ca:so para colocar os pontos adicionais teria esse valor cobrado mensalmente  
Cliente: dezenove noventa?  
Atendente1: I:sso.  
Cliente: então . por favor eu gostaria de estar fazendo a aquisição

((toque do bip))

Atendente1: pode me por gentileza confirmar seu nome completo?

Cliente: Carlos [...] ((Cliente dá RG, CPF, endereço, número de celular para contato)) nove três dois um

Atendente1: ((vozes de colegas)) e-mail para contato possui?

Cliente: oi?

Atendente1: e-mail pra contato?

Cliente: e-mail tenho só da minha esposa . assim que eu acesso mais assim com ela . é o jota i jota i underline dois mil e oito arroba igue ponto com ponto bê erre ((toque do bip))

Atendente1: como soube da da tevê da telefônica?

Cliente: pela televisão

Atendente1: aloa?

Cliente: oi pela te/ . pela televisão

Atendente1: pela televisão?

Cliente: é

Atendente1: sabe me dizer qual canal você viu?

Cliente: na globo

Atendente1: ((pausa prolongada)) só um momento por gentileza

Cliente: tá ok::

((publicade da telefônica))

Atendente 2: central de vendas telefônica monique moraes boa tarde

Cliente: boa tarde monique eu liguei aí agora há pouco eu tava fazendo pedido da tevê por assinatura

Atendente2: ahã

Cliente: a menina confirmou todos os meus dados meu nome CPF RG tudo . e depois ela me colocou numa musiquinha que ficou tocando aí umas meia hora e eu não sei o que aconteceu

Atendente2: eu não sei te informar . o senhor sabe o nome da pessoa com quem o senhor estava falando?

Cliente: não você pode ver se ela fez o pedido o que que aconteceu?

Atendente2: qual seu telefone com o DDD?  
Cliente: onze cinco  
Atendente2: só um momento . tá?  
Cliente: tá  
Atendente2: e não lembra do nome da pessoa?  
Cliente: não o nome não me recordo não . foi o último atendimento . não tem como você puxar pelo último atendimento?  
Atendente2: deixe eu verificar . só um momento ((pausa)) senhor . (...) é o assinante da linha?  
Cliente: correto . sou eu mesmo  
Atendente2: tá . porque aqui está constando pra mim que não . que não há disponibilidade pra venda de tevê  
Cliente: tá e como que ela falou que tinha e começou a fazer o pedido? e confirmou?  
Atendente2: no ato aqui pra mim tá aparecendo que não há disponibilidade . senhor  
Cliente: ãhã  
Atendente2: é cinco 2 meia zero onze seu telefone né?  
Cliente: isso  
Atendente2: então aqui pra mim tá constando que não há disponibilidade  
Cliente: e por que ela falou que tinha e começou a fazer o pedido?  
Atendente2: ah . não sei senhor informar pro senhor  
Cliente: ãh . é qual o motivo que não há disponibilidade?  
Atendente2: deixa eu só verificar o motivo  
Cliente: ((conversando consigo mesmo)) ((publicidade da telefônica))  
Atendente2: aqui pra mim senhor não aparece o motivo que/ .. do porque não há disponibilidade . entendeu?  
Cliente: qual como que não aparece o motivo? aqui na minha . minha residência são . duas casas . uma dessas duas casa que é a casa do lado da minha possui a tevê digital da tele-

fônica . você tem que saber o motivo por que a minha não pode ter

Atendente2: um momento ((publicidade telefônica))

VozComp: bem vindo a sua central de relacionamento telefônica boa tarde ((incompreensível))

Atendente3: central de vendas internet eliane silva boa tarde

Cliente: boa tarde com quem que eu falo?

Atendente3: com eliane . pode aguardar



**Zwickauer Forum Interkulturelle Kommunikation und Sprache**

**Nr. 6**

**Gramática Comunicativa  
e Ensino de Português Língua Não Materna  
num Mundo Multilíngue**

**Estudos**

*In Memoriam*

**do Professor Doutor João Malaca Casteleiro**

**Thomas Johnen**

**Liliane Santos**

**Jürgen Schmidt-Radefeldt (eds.)**

**Zwickau**

**Westsächsische Hochschule Zwickau,  
Fakultät Angewandte Sprachen und Interkulturelle  
Kommunikation**

**2025**

**ISBN: 978-3-946409-07-6**

**DOI: 10.34806/9783946409076**

## **Sumário**

### **O Professor Doutor João Malaca Casteleiro – pioneiro da gramática comunicativa**

*Thomas Johnen, Liliane Santos e Jürgen Schmitt-Radefeldt .....8*

### **Monsieur le Professeur João Malaca Casteleiro – un pionnier de la grammaire communicative**

*Thomas Johnen, Liliane Santos, Jürgen Schmidt-Radefeldt ..... 33*

### **João Malaca Casteleiro – ein Pionier der kommunikativen Grammatik**

*Thomas Johnen, Liliane Santos, Jürgen Schmidt-Radefeldt ..... 59*

### **Homenagem ao Professor Doutor João Malaca Casteleiro, eminente lexicólogo português, e meu amigo (Teixoso, Covilhã, 1936 – Lisboa, 2020)**

*Jürgen Schmidt-Radefeldt ..... 88*

### **Alguns aspetos de uma gramática comunicativa do Português e sua contribuição para um ensino mais eficaz da língua a aprendentes estrangeiros**

*João Malaca Casteleiro ..... 95*

**Observações sobre gramáticas comunicativas ou do diálogo incluindo sinais interactivos**

*Jürgen Schmidt-Radefeldt* .....117

**Um caso harmônico de aprendizagem da língua portuguesa e suas variantes através da gramática comunicativa em aulas de PLE na Universidade de Huelva**

*Giselle Menezes Mendes Cintado*.....148

**As histórias digitais no contexto do ensino do Português no estrangeiro – um contributo para o fomento da comunicação**

*Fátima Isabel Guedes da Silva e Estela Pinto Ribeiro Lamas*..... .167

**O ensino de PLE a deficientes visuais espanhóis**

*Lilian dos Santos Ribeiro*..... 195

**Das einfache Futur in ausgewählten Grammatiken und Lehrbüchern des Portugiesischen, Spanischen, Französischen und Italienischen aus dem deutschsprachigen Raum**

*Karin Weise*..... 223

**Avaliação da competência comunicativa oral de estrangeiros em português língua estrangeira/segunda língua: contribuições para a formação docente**

*Alexandre do Amaral Ribeiro* ..... 266

**Algumas observações em torno da descrição da construções  
impressoais em português numa perspectiva comunicativa**

*Liliane Santos* ..... 292

**Respostas curtas assertivas numa gramática comunicativa  
do português**

*Thomas Johnen*..... 322

**Entdeckungen im ILB: «eucalipto». in aller Munde**

*Gunther Hammermüller*..... 384

**Bibliografia seletiva da obra do Professor João Malaca  
Casteleiro**

*Jasmin Göthel, Thomas Johnen, Liliane Santos e Jürgen Schmidt-  
Radefeldt*..... 433

**Sobre as autoras e os autores deste volume/  
Über die Autorinnen und Autoren dieses Bandes**..... 475

**Zwickauer Forum Interkulturelle Kommunikation und Sprache**  
**(ISSN 2700-5968)**

<http://www.fh-zwickau.de/zwiksprache>

**Nr. 1:** Sabine Dieng-Weiß (2019): *Spanische Fachkräfte in der Krankenpflege in Deutschland: Erfahrungen und Erwartungen.*

ISBN: 978-3-946409-03-8; DOI: 10.34806/q7yr-7c44

<https://d-nb.info/1210446189/34>

**Resumen en español.**

**Nr. 2:** Julia Gelinski (2019): *Interkulturelle Erfahrungen deutscher Studierender in spanischen Unternehmen.*

ISBN: 978-3-946409-01-4; DOI: 10.34806/rfv9-b177

<http://d-nb.info/1216496854/34>

**Resumen en español.**

**Nr. 3:** Thomas Johnen (2019): *Nominale Anredeformen in Fernseh-wahlduellen: ein multilingualer Vergleich.*

ISBN: 978-3-946409-02-1; DOI: 10.34806/19wq-t276

<https://d-nb.info/1210449269/34>

**Resumo em português.**

**Nr. 4** Bao Trang Ngo (2021): *Integration der Vietnamesen in Ost-deutschland: Deutsche und vietnamesische Sichtweisen in qualitativen Interviews.*

ISBN: 978-3-946409-05-02; DOI: 10.34806/x4gd-gm78

<https://d-nb.info/123599273X/34> Trừu tượng trong tiếng Việt.

**Nr. 5** Thomas Johnen/ Christopher Mattern/ Jasmin Wunderlich (red.) (2023): *Portugiesisch - Globale Sprache des 21. Jahrhunderts: Kulturen, Literaturen, Wissenschaft und Wirtschaft: Abstracts der Vorträge auf dem 15. Deutschen Lusitanistentag, 19.-23. September 2023, Westsächsische Hochschule Zwickau; Português - Língua global do século XXI: Culturas, Literaturas, Ciência e Economia; Caderno de resumos do 15º Congresso Alemão de Lusitanistas, 19 a 23 de setembro de 2023, Universidade de Ciências Aplicadas de Zwickau.*

ISBN: 978-3-946409-08-3; DOI: <https://doi.org/10.34806/679p-3b04>;

<https://d-nb.info/1312838353>

**Nr. 6:** Thomas Johnen/ Liliane Santos/ Jürgen Schmidt-Radefeldt (eds.) (2025): *Gramática Comunicativa e Ensino de Português Língua Não Materna num Mundo Multilíngue: Estudos In Memoriam do Professor Doutor João Malaca Casteleiro.*

ISBN: 978-3-946409-07-6; DOI: 10.34806/9783946409076

### **Zusammenfassungen auf Deutsch**

**Nr. 7:** Carlos Roberto de Oliveira Lima/ Gabriel Silva Xavier Nascimento/ José Raimundo Rodrigues (Orgs.) (2025, no prelo/ im Druck): *Fontes para outras histórias da educação dos surdos.*

ISBN: 978-3-946409-09-0;

### **Abstracts in English; Zusammenfassungen auf Deutsch**